

GEORG LUKÁCS À ÉPOCA DE *HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA DE CLASSE:* a categoria da totalidade e o questionamento das ciências humanas

Gláucia Tinoco

Resumo

O presente artigo busca esboçar a relação estabelecida entre o filósofo marxista húngaro Georg Lukács e sua concepção crítica frente às ciências humanas, especialmente a sociologia. Para uso analítico Lukács recorre à categoria dialética da totalidade. O entendimento de sua perspectiva dar-se-á mediante os momentos de negação, preservação e superação (a *Aufhebung*) de sua visão de mundo evidenciada ao longo da obra lukacsiana mais conhecida, *História e Consciência de Classe*, de 1923.

Palavras-chave

Georg Lukács. Crítica à sociologia. Categoria da totalidade.

GEORG LUKÁCS IN *HISTORY AND CLASS CONSCIENCE* TIMES: the totality category and the questioning of human sciences

Abstract

The present paper aims at outlining the relation established between the Hungarian Marxist philosopher Georg Lukács and his critical conception towards human sciences, especially sociology. With analytics purposes Lukács draws on dialectical totality category. The understanding of his perspective will happen through the moments of negation, preservation and separation (the *Aufhebung*) of his world view present throughout his most famous work, *History and Class Conscience*, 1923.

Keywords

Georg Lukács. Critics on sociology. Category of totality.

1 Lukács marxista: a mudança para uma nova visão de mundo

A partir da descoberta do proletariado, das revoluções russa e húngara e de suas leituras mais intensas de Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lênin e Rosa Luxemburg¹, Lukács assumiu firmemente o bolchevismo e dirigiu como marxista sua primeira crítica às ciências humanas, opção que difere da adotada nos anos de Heidelberg, quando, indo contra as correntes positivistas, passara a fazer parte do círculo de Weber; e também do irracionalismo e da epistemologia formalista, que o levam a preferir Hegel na época da Primeira Guerra.

Assim, em *História e Consciência de Classe*, Lukács operou uma mudança profunda frente a sua antiga visão de mundo verificada até aproximadamente 1918, quando aderiu à causa revolucionária e estabeleceu uma forte rejeição em relação à sua herança intelectual burguesa.

A busca do húngaro possuía um sentido duplo: por um lado, tentava viabilizar seu desligamento com as raízes burguesas; por outro, a partir de um alicerce teórico-metodológico ancorado em bases marxianas, procurava analisar a história, como concebida dentro do sistema do capital, e a necessidade da conscientização do gênero humano para assim tornar possível a mudança radical do *status quo* capitalista. Um salto qualitativo era determinado nas investigações lukacsianas (LÖWY, 1998, p. 206).

No artigo de HCC² intitulado 'A consciência de classe', a preocupação com essa conscientização é evidenciada. Indubitavelmente, Lukács mantinha um interesse profundo pela forma como dar-se-ia a mudança substancial dos indivíduos em meio à sociedade do capital. Com isso era necessário que a classe do proletariado, a classe a solapar o capitalismo, se resguardasse no campo da prática política e no âmbito teórico-metodológico. Daí a preocupação de Lukács concernente à possibilidade de compreender a teoria como forma de contribuir para a conscientização dos indivíduos, porém essa teoria não poderia estar desvinculada da prática política. Em termos de marxismo ortodoxo interessava a Lukács o entendimento da dialética materialista

¹ É válido ressaltar que Lukács sempre teve contato com os escritos de Karl Marx e Engels, todavia este se intensifica durante os anos de relação mais direta com Hegel, em 1913, 1914, aproximando-o mais do marxismo.

² *História e Consciência de Classe*.

aplicada à história, sendo esta a característica em questão de ortodoxia que definiria para ele o marxismo. Este, por sua vez, estaria ancorado na categoria da totalidade, advinda de Hegel e retomada e rearticulada por Marx (LUKÁCS, 2003b, p. 65-104).

Karl Marx oferecia uma nova visão de mundo revolucionária. Para isso, buscava um embasamento teórico-metodológico, também revolucionário (teoria e prática são inseparáveis, constituindo a práxis)³ no sentido de corroborar suas concepções frente à sociedade do capital, analisando-a. Na *Crítica à Economia Política* Marx oferece um panorama de contestação à metodologia empregada pelos economistas clássicos, congregando um conjunto de idéias que vai da filosofia aos pilares da economia, numa tentativa de enfatizar a viabilidade de sua metodologia revolucionária. Ademais, procura esboçar os pontos positivos dos partidários da concepção dita clássica, evidenciando, não obstante, as limitações desta. O concreto, ou seja, a totalidade, aparece como ponto nodal em sua perspectiva materialista dialética (MARX, 1996). Nesta, a relação entre parte e todo não representa uma mera relação de causalidade, mas uma relação dialética em que ambas compõem um momento da totalidade. Para Marx dever-se-ia começar a análise do mais simples ao mais complexo, num processo em que do mais complexo voltar-se-ia novamente ao mais simples, e assim incessantemente; indução e dedução seriam nesse caso processos complementares e constituintes, atrelados à totalidade.

O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. (MARX, 1996, p. 39).

³ Ver as teses sobre Feuerbach (s.d.) e os *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (2004), pois estes representam momentos em que Marx vai, a partir do questionamento do idealismo alemão e de sua filosofia, lançar sua própria perspectiva teórico-metodológica. O livro de Lênin, *As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo* (1983), é um importante texto sobre os pilares que fundamentam o marxismo de Marx e Engels. A economia política clássica inglesa, o socialismo utópico francês e a filosofia alemã comporiam essas três fontes.

Para Lukács, a categoria da totalidade era conceito metodológico axial para se apreender a realidade histórico-social de forma nova. Segundo suas assertivas, o que o materialismo pretendia era, a partir da categoria da totalidade, ter uma visão aprofundada da realidade, em suas instâncias inter-relacionadas. A ciência deveria ser analisada a partir da história, que era vista como um processo mutável, não linear e não particularizado: “Para o marxismo, em última análise, não há, portanto, uma ciência jurídica, uma economia política e uma história etc. autônomas, mas somente uma ciência histórico-dialética, única e unitária, do desenvolvimento da sociedade como totalidade.” (LUKÁCS, 2003b, p. 107).

Na perspectiva lukacsiana, não há separação entre sujeito e objeto, pois ambos compõem o momento de uma totalidade inacabada e constantemente mutável. Este ponto evidencia que o referido autor operou a partir de sua obra publicada em 1923, uma distinção com relação ao marxismo da II Internacional, que estava impregnado por concepções de um determinismo econômico.

Na fase de HCC a dialética é circunscrita ao domínio da história; concomitantemente, a consciência adjudicada do proletariado, próxima da consciência para si, é identificada com o sujeito-objeto idêntico capaz de mudar radicalmente a sociedade. Ademais, a partir de sua mudança de perspectiva, Lukács pôde delinear críticas a suas próprias heranças burguesas, reter o que de positivo e de progressivo existiam nelas e lançar questionamentos aos já estabelecidos marxistas da II Internacional e ao seu modo de proceder analiticamente que também fora assimilado pelas ciências humanas em geral, num processo de compartimentalização do saber. Com tal empreitada, Lukács efetivou uma ruptura com essa forma de lidar com a realidade histórico-social, na tentativa de renovar o marxismo, mediante o uso da categoria da totalidade de tal forma que houvesse a possibilidade de um direcionamento opositivo ao da fragmentação empreendida pelo capitalismo, que engendrava a realidade social de maneira estilhaçada. Seu marxismo renovado representava, então:

O instrumento de superação do impasse e das contradições teóricas e práticas da problemática burguesa referente à epistemologia científica. O marxismo é a teoria do método e práxis revolucionária, problemática lógica e exigência

ética de transformação revolucionária. (FEO, 1972, p. 171).

2 Lukács crítico da sociologia: 1923

A relação estabelecida por Lukács para com a sociologia desenvolveu-se inicialmente a partir dos seus escritos da fase em que se dedicava aos estudos sobre estética, configurando-se de forma mais acurada no período em que se tornou marxista. Assim, é de interesse do presente artigo esboçar a crítica fomentada por ele na época de HCC, em sua fase marxista, quando seu posicionamento frente à sociologia ancorava-se no questionamento referente à metodologia usada não só pela ciência sociológica, mas, de forma ampla, pelas ciências humanas, que mediante a configuração da sociedade capitalista e de suas formas de reificação estabeleceram a fragmentação do saber, num processo em que as especializações foram postas em relevo. Do mesmo modo, as ciências que se propunham a entender a realidade a partir dos dados imediatos, aceitando-os sem uma análise aprofundada, caíam no ideologismo burguês. Segundo Lukács, (2003b).

[...] Aquela ciência que reconhece como fundamento do valor científico a maneira como os fatos são imediatamente dados, e como ponto de partida da conceitualização científica sua forma de objetividade, coloca-se simples e dogmaticamente no terreno da sociedade capitalista, aceitando sem crítica sua essência, sua estrutura de objeto e suas leis como um fundamento imutável da 'ciência' (p. 74). A história [para a ciência burguesa] é entregue como tarefa ao pensamento insolúvel. Pois ele deve suprimir completamente o processo histórico e apreender, nas formas de organização do presente, as leis eternas da natureza que, no passado – por razões 'misteriosas' e de uma maneira que é incompatível com os princípios da ciência racional na procura de leis –, não se estabeleceram por completo ou de modo algum [sociologia burguesa]. (136-137).

Para se apreender os aspectos mais profundos e múltiplos da realidade, faz-se premente a dialética materialista. Como atesta Lukács (2003b, p. 75),

“para passar desses [‘fatos’ àqueles] no verdadeiro sentido da palavra, é preciso descobrir seu condicionamento histórico como tal e abandonar o ponto de vista a partir do qual eles são dados como imediatos: é preciso submetê-los a um tratamento histórico-dialético”. Assim, o não uso da dialética materialista impede a percepção da história como um processo unitário, não particularizado e transitório.

Essa impossibilidade se manifesta na ciência burguesa, de um lado, pelas construções abstratas e sociológicas da evolução histórica, do tipo Spencer ou August Comte – cujas contradições internas foram trazidas à luz pela moderna ciência burguesa da história e notadamente por Rickert [...]. (LUKÁCS, 2003b, p. 82).

Esse ponto é bastante importante para a elucidação da relação entre Lukács e as ciências burguesas. Vê-se que, ao remeter-se a Rickert, o húngaro mostra a relevância do pensamento daquele para o entendimento de uma perspectiva absolutamente limitada como a de Comte e a de Spencer. Logo, percebe-se que dentro da própria ciência burguesa – que estabelece com o materialismo dialético aplicado à história uma posição distinta acerca do *modus operandi* utilizado para se compreender a realidade – há diferenças muito significativas.

Lukács procura justamente reter as posições positivas, não estanques de alguns intelectuais burgueses, partindo para uma crítica dos mesmos com intenção de mostrar que, apesar de terem agregado concepções burguesas, suas visões de mundo vão além da de determinados autores burgueses.

A ênfase dada ao longo de HCC sobre a questão da especialização do trabalho é substancial para a apreensão da crítica feita por Lukács às ciências humanas e à sociologia. Mediante essas especializações, a ciência se subdividiu, rompendo com a totalidade e com a possibilidade de sua captação, vista por Lukács como indispensável para apreensão da realidade. A sociologia, por pretender ser uma forma de conhecimento autônoma, logo compartimentada, se opunha à concepção da metodologia materialista dialética, como usada pela perspectiva lukacsiana, sendo, portanto, incapaz de elaborar uma síntese que pudesse apreender a sociedade como totalidade.

Lukács enfatiza a tentativa feita por alguns intelectuais burgueses – como Hegel, Ricardo, Weber, Simmel, Tönnies – que tentaram apreender a

realidade social mais aprofundadamente, contudo, por seus rasgos burgueses, não foram mais além. Ademais, algumas das assertivas desses intelectuais estavam ancoradas em orientações relacionadas a concepções próximas às ciências e formas de conhecimento que visavam transpor para as humanidades elementos analíticos advindos das ciências naturais e exatas como forma de entender a sociedade em termos funcionais. Numa nota de rodapé, Lukács expõe a sua perspectiva acerca de um livro de Tönnies, realçando o que foi dito anteriormente.

As constatações deste livro, às quais ainda voltaremos, são preciosas para nós, porque foram obtidas a partir de um ponto de vista totalmente diferente e, no entanto, descrevem a mesma marcha de desenvolvimento, a influência do racionalismo da matemática e das ciências 'exatas' sobre a origem do pensamento moderno. (2003b, p. 242).

As limitações do pensamento burguês penetram no modo de concepção dessas análises tornando as ciências humanas estanques e não unitárias, logo, não voltadas para a totalidade. A concepção de ciência moderna é a de uma ciência fragmentada que apresenta a história de modo naturalizado; a filosofia vê-se, por vezes, arraigada por formas irracionistas; o racionalismo formal, que busca leis eternas propondo-se unitário, se coloca partido; ademais, a ciência se subdivide em várias áreas de saber, como a história, o direito, a economia, a política, etc.

A crítica de Lukács incide justamente sobre as categorias analíticas usadas para a apreensão das configurações sociais. Para ele, a maneira de compreendê-las reside no método dialético materialista aplicado à história.

Por outro lado cabe explicitar aqui o que se entende por crítica e a forma como este entendimento entra em consonância com a perspectiva lukacsiana adotada no período correspondente a HCC. Seguindo o caminho trilhado por Marx, Lukács procurou, no livro de 1923, repensar as influências dos teóricos das humanidades, fazendo um balanço de suas contribuições para a formação do pensamento ocidental moderno e a maneira como a produção de conhecimento na referida sociedade fora delineada. Sua intenção era a de reter os avanços das concepções desses intelectuais, partindo da dialética e aqui do conceito da *Aufhebung*, extraído de forma implícita a partir

de suas considerações. Passando pela economia, pela filosofia, pelo direito, pelo jornalismo e usando alguns sociólogos, a preservação de elementos advindos dessas formas de conhecimento fica patente, pois Lukács procura justamente mostrar o ponto em que os teóricos dessas áreas de pensamento (fragmentadas, porquanto inseridas na nova configuração de ciência moderna) haviam avançado.

Desse modo, a crítica lukacsiana é vista aqui não como uma forma de oposição em que todos os elementos são percebidos como desprezíveis, não relevantes para a configuração de uma maneira de pensar radicalmente diferente. A partir da *Aufhebung* vê-se que a crítica, como configurada em HCC, é representativa no que tange aos momentos de negação das concepções limitantes burguesa como o racionalismo formal, a busca por leis e sua influência nas ciências humanas formalistas, o irracionalismo, a história que se delineia baseada em leis eternas que naturalizam as configurações sociais e as ciências de forma geral, as quais se fragmentam, subdividindo-se em áreas de saber, como a sociologia. Ao mesmo tempo, a perspectiva lukacsiana preserva alguns desses elementos, que são as partes progressivas do pensamento da burguesia, a exemplo de Hegel, Rickert, Simmel, Weber. E supera-os na medida em que sua visão de mundo vê-se revolucionária e radical, em termos etimológicos. Essa superação é a assimilação das idéias marxianas, da dialética materialista aplicada à história, em que se viabiliza a configuração de uma nova práxis social, ou seja, o coroamento entre teoria e prática.

Ao tratar da questão da história vista na sociedade burguesa, Lukács (2003b, p. 314) faz menção à maneira como Rickert considerou a história e os sistemas formais e exemplifica sua admiração pelos avanços de uma forma de conhecimento burguesa:

Como não podia escapar aos historiadores realmente importantes do século XIX, dentre eles Riegl, Dilthey e Dvorjak, a essência da história reside justamente na modificação dessas formas estruturais, por intermédio das quais, num determinado momento, ocorre o conflito do homem com seu meio [...]. Aqui importa apenas constatar que, no que diz respeito ao método, é impossível usá-lo para superar a simples facticidade dos fatos históricos (o esforço crítico de Rickert e a teoria moderada da história

visavam a essa questão e eles também conseguiram prová-la).

Quanto a Weber, Lukács aponta para a relação entre o método usado para se compreender a realidade histórica, vista a partir de uma forma ingênua de “sociologia” como pensada por Comte e Spencer na sua busca por leis gerais, em oposição à postura weberiana quanto a essa possibilidade de conhecimento. Mesmo mostrando a postura mais lúcida de Weber, este não se livra de uma posição limitada, pois não consegue superar a questão do imediatismo histórico.

[...] Essa impossibilidade metódica pode ser criticamente consciente desde o início (como em Weber), de modo que viabilize uma ciência auxiliar da História. Seja como for, o resultado será sempre o mesmo: o problema da facticidade é remetido para a história, e o imediatismo da atitude puramente histórica não é superado, quer esse resultado tenha sido desejado ou não. (LUKÁCS, 2003b, p. 318).

Assim, a relação posta com a sociologia, especialmente a sociologia weberiana, reside na questão metodológica. Esta forma de conhecimento é percebida por Lukács como um modo limitado de análise da realidade histórico-social, pois, além de cair várias vezes no imediatismo, pretende-se uma ciência autônoma e, portanto, em posição de distanciamento frente às outras formas de conhecimento.

O uso de livros de Weber, sobretudo a *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, indica a importância vista por Lukács a seus trabalhos. Isso fica patente ao longo de HCC, em que várias são as alusões feitas ao sociólogo alemão, de tal maneira que a utilização do pensamento de Weber auxiliou Lukács em algumas passagens referentes ao delineamento do capitalismo moderno, na questão do racionalismo da sociedade ocidental e na relação entre consciência de classe e possibilidade objetiva. Não obstante, em algumas citações, os limites do pensamento weberiano são evidenciados, como já assinalado.

José Paulo Netto coloca a relação entre Lukács e a sociologia, e em especial a sociologia weberiana, em termos de uma oposição excludente, o que não coincide com a análise feita no presente trabalho. Para Netto (1978,

1992), em HCC, Lukács dirige uma crítica a Weber baseada nos aspectos metodológicos, proposição também aceita aqui. Contudo, Netto afirma de forma explícita que, no ensaio 'O que é marxismo ortodoxo?', o húngaro arrola uma crítica direta a Weber, constituindo uma relação crítica de forma absolutamente excludente, no que tange ao uso de elementos weberianos.

O leitor de História e Consciência de Classe nota, sem dificuldade, que a polêmica contra Weber é conduzida ao longo de quase todos os ensaios do livro, na medida mesma em que certas tematizações weberianas são retomadas por Lukács. No entanto, é no ensaio 'O que é Marxismo ortodoxo?' que Lukács leva a cabo a crítica à obra de Weber; aí as aporias lukacsianas dirigem-se quer ao formalismo neokantiano de Weber, quer à sua perspectiva heurística, que é incompatível com a apreensão da sociedade enquanto totalidade dinâmica. (NETTO, 1992, p. 41).

Vê-se que a crítica de Lukács estava voltada para as formas de conhecimento que concebiam a realidade de forma fragmentada e naturalizada, e no caso abarcaria indubitavelmente a sociologia, mas especialmente a corrente positivista.

Já para Michael Löwy (1990), o tratamento crítico relativo a Weber não foi desenvolvido por Lukács em HCC devido à impossibilidade deste de colocar o ponto de vista de classe do "seu mestre de Heidelberg" em análise. Para o autor:

Este silêncio resulta, a nosso ver, do modelo dicotômico utilizado por Lukács, que tende a considerar a burguesia e o proletariado como as únicas classes capazes de desenvolver um ponto de vista globalizante sobre a realidade social, modelo no interior do qual a ciência de Max Weber, com suas estranhas convergências com o marxismo, é rigorosamente 'inclassificável'. (LÖWY, 1990, p. 79)

A proposição que mais se aproxima da forma como essa relação entre Weber e Lukács se estabelece encontra-se nas idéias postas por Marcos Nobre (2001). Ao analisar o trabalho de Merleau-Ponty (2002), especialmente o

aspecto colocado acerca da relação aludida, Nobre (2001, p. 15) infere que “mesmo quando enfrenta graves questões introduzidas no debate pela teoria weberiana, segue *HCC* sendo uma tentativa marxista de respondê-las, sem que um elemento consiga suplantá-lo. Em Merleau-Ponty, ao contrário, a balança pende francamente para o lado de Weber.”

Não obstante, mesmo com a perspectiva de procurar explicitar que o trabalho de Lukács foi constituído de forma balanceada no que se refere a sua relação como weberianismo e o marxismo, em alguns momentos Nobre parece desconsiderar suas próprias assertivas: “A proximidade com o léxico weberiano é espantosa. Pois falar em ‘semelhança’, ‘analogia estrutural’ (Cf. GKb, 191) ou ‘afinidade’ significa – segundo me parece – ceder mais do que é permitido a um seguidor de Marx.” (NOBRE, 2001, p. 56). Aqui isso é entendido dentro do quadro da *Aufhebung*, justamente nas considerações concernentes à preservação de elementos weberianos considerados importantes para Lukács. Ademais, o uso de uma terminologia hegeliana é patente tanto nos textos lukacsianos quanto nos textos marxianos. É certo que Hegel foi inserido no quadro conceitual de Marx como uma das fontes constituintes do marxismo por conter elementos substanciais para as análises da realidade social, e a perspectiva lukacsiana segue um caminho parecido. No primeiro ensaio de HCC, ‘O que é marxismo ortodoxo?’, a questão da metodologia marxiana é vista como a única fonte realmente relevante:

Um ‘marxista ortodoxo’ sério poderia reconhecer incondicionalmente todos esses novos resultados, rejeitar todas as teses particulares de Marx, sem, no entanto ser obrigado, por um único instante, a renunciar à sua ortodoxia marxista. O marxismo ortodoxo não significa, portanto, um reconhecimento sem crítica dos resultados da investigação de Marx, não significa uma ‘fé’ numa ou noutra tese, nem a exegese de um livro ‘sagrado’. Em matéria de marxismo, a ortodoxia se refere antes e exclusivamente ao método. (LUKÁCS, 2003b, p. 64).

O uso de alguns estudos weberianos e de algumas de suas concepções não foi efetivado de forma acrítica; além disso, essa utilização não interfere na parte substancial do materialismo dialético, que é a categoria da totalidade, aspecto este entendido como inegavelmente mantido por Lukács.

Os momentos de preservação quanto a algumas formulações de Weber permanecem em HCC, embora seu pensamento seja percebido por Lukács como limitado. “Max Weber não chega a conseguir captar este significado fundamental (práxis revolucionária) genético e estrutural da metodologia histórico-social, devido ao seu relativismo.” (FEO, 1972, p. 171). Ele, assim como alguns teóricos alemães, e guardadas as devidas proporções, constituíram um pensamento crítico e criativo frente a diversas formas de concepção burguesa da realidade, como o positivismo. Não obstante, a superação da perspectiva lukacsiana ocorre também em HCC, quando, de forma dialética, subtraindo os momentos em que não cai no idealismo, agrega concepções marxianas e usa para apreender a realidade o materialismo dialético aplicado à história, ancorado na categoria da totalidade, por si só revolucionária. Assim, o entendimento de Lukács por meio do próprio Lukács, ou seja, da metodologia fornecida por ele, baseia-se na *Aufhebung*, em que os momentos de negação, preservação e superação são evidenciados.

3 Limites e avanços da ciência social lukacsiana: a sociedade contemporânea pensada sociologicamente

A partir do que foi analisado e inferido, de forma breve, ao longo do presente artigo, pensar a questão dos avanços da perspectiva lukacsiana tomando por base o período correspondente à redação de *História e Consciência de Classe*, de 1923, é uma tarefa densa. Inicialmente porque a crítica que Lukács dirigiu às ciências humanas e à sociologia, vistas como formas burguesas de compreensão da realidade histórico-social, configura-se atualmente como algo já em desuso na academia. Esse desuso é creditado por mim à posição que o marxismo detém na referida instituição, que, apesar de enfatizar as contribuições propiciadas pelo mesmo de forma geral, finda por contestar, a partir de outras formas de concepção da realidade, as assertivas esboçadas por Lukács. Assim, questões como a percepção do funcionamento da história, do proletariado visto pelo húngaro como um sujeito que retinha os paradoxos do capitalismo e que, por isso, agregava a possibilidade de modificação são deixadas de lado na atual pauta de problemas em voga na academia, que se abstém de analisar também as contribuições teórico-metodológicas do autor que é objeto(não objetificado) do presente trabalho.

Todavia, esses temas que deram origem a teorias, a exemplo da teoria da Consciência de Classe, trabalhados por Lukács, sobretudo em HCC, não corresponderiam a um ponto de avanço, mas a um ponto a ser discutido e, com certa razão, posto em segundo plano. O que realmente importa acerca das contribuições lukacsianas para a sociologia e para as ciências humanas e que necessita ser preservado é a questão metodológica tão enfatizada ao longo de HCC.

Um aspecto positivo, 'desconhecido' pela sociologia, que deve ser preservado e repensado hoje é a metodologia ancorada na totalidade na qual a mudança da realidade histórico-social se faz presente requerendo uma perspectiva que reflita a história como um processo transitório e mutável, e, sobretudo, como algo que precisa ser apreendido unitariamente, percebendo-se as várias instâncias que compõem o todo social.

Em relação ao ponto de avanço para se pensar sociologicamente a realidade histórico-social, pode-se dizer que ele é capaz de ser dado por nós mesmos, na medida em que repensamos essa metodologia e a aplicamos nas análises da referida realidade. Ao apreender as assertivas de Lukács e usá-las para entendê-lo num processo que se pretende dialético, vê-se que a *Aufhebung* explicita bem a proposição acima. Inicialmente, percebendo-se os pontos em que Lukács pode ser negado, preservado e superado, sendo essa superação referente aos temas postos por ele em relevo. Já a preservação se liga ao uso do método dialético utilizado por ele e ao privilégio que a totalidade possui. A superação seria, como aludido, as contribuições que podemos estabelecer mediante a retomada da metodologia lukacsiana nas análises de aspectos de uma realidade social distinta da vivenciada pelo húngaro. Contudo, o simples fato de retomar sua metodologia ou mesmo de repensá-la, trazendo-a para o debate sociológico, um passo introdutório para o avanço nas análises das ciências sociais.

Assim, a metodologia lukacsiana, ao viabilizar a percepção da sociologia como ciência fragmentada, por pretender-se autônoma, viabiliza também, mediante sua apreensão e aplicação, o fornecimento da chave epistemológica para se pensar a sociologia não mais como uma ciência autônoma, porém ancorada na categoria da totalidade. Configurada dessa maneira, a sociologia pode ser uma forma de conhecimento que percebe as múltiplas instâncias da realidade e a mutabilidade das mesmas, não incorrendo no simples imediatismo e possibilitando a si mesma o autoconhecimento. A

partir das assertivas lukacsianas a questão que importa para a concretização dessa mudança, a qual se pretendeu efetivar ao longo do presente trabalho, é a retomada de sua metodologia para uma análise mais abrangente da realidade. Parafraçando Lukács ao se referir a Marx, o que fica de Lukács é, sobretudo, o método.

Referências

COHN, Gabriel (Org.). 1991. *Max Weber: sociologia*. São Paulo: Ática. (Grandes Cientistas Sociais).

_____. 2003. *Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber*. São Paulo: Martins Fontes.

FEO, Nicola de. 1972. *Weber y Lukács*. Barcelona: A. Redondo.

LÊNIN, Vladimir (s/d). *As Três Fontes e as Três Partes Constitutivas do Marxismo*, São Paulo, Global Editora.

LÖWY, Michael. 1990. *Romantismo e messianismo: ensaios sobre Lukács e Walter Benjamin*. Tradução de Myrian Veras Baptista e Magdalena Pizante Baptista. São Paulo: Perspectiva; Edusp.

_____. 1995. *Figuras do marxismo weberiano*. Tradução de Edmundo Lima de Arruda. Paris: PUF. p. 83-94.

_____. 1998. *A evolução política de Lukács: 1909-1929*. Tradução de Heloísa Helena A. Mello e Agostinho Ferreira Martins. Anexos traduzidos por Gildo Marçal Brandão. São Paulo: Cortez.

LUKÁCS, Georg. 1974. *História e consciência de classe*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Escorpião.

_____. 2003a. *A teoria do romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. Rio de Janeiro: Duas Cidades; Editora 34.

_____. 2003b. *História e consciência de classe*: Estudos sobre dialética marxista. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes.

MARX, K. 1996. *Para a crítica da Economia Política*. Tradução de Edgard Malagodi. São Paulo: Abril. (Os Pensadores).

_____. (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo, Boitempo.

_____; ENGELS, F. 2002. *A ideologia alemã*. Tradução de Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes.

MERLEAU-PONTY, M. 2002. *Les aventures de la dialectique*. Paris: Gallimard.

NETTO, José Paulo. 1976. Lukács e a sociologia. *Contexto*, São Paulo, n. 1, p. 61-89.

_____. (Org.). 1992. *Lukács: sociologia*. São Paulo: Ática.

NOBRE, Marcos. 2001. *Lukács e os limites da reificação*. Rio de Janeiro: Editora 34.

WEBER, Max. 1978. A política como vocação. In: _____. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 1992. *A metodologia nas ciências sociais*. São Paulo: Cortez.

_____. 2000. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 15. ed. São Paulo: Pioneira.

_____. 2004. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras.